





RESENHA: PERSISTÊNCIA E MUDANÇA SOCIAL

VINICIUS DITTRICH HOSNI 9894088

Para muitos autores clássicos da Sociologia, a Modernidade é um tópico a ser discutido, e em grande parte foi caracterizado como um processo intensivo e contínuo de mudança nas bases econômicas, políticas e no modo de vida dos indivíduos. Os conceitos do Iluminismo, do Romantismo e do Futurismo serviram como tentativas de respostas ou maneiras de entender as profundas alterações vivenciadas do século XVIII ao XX. 

Por ter nascido nesse contexto e como consequência da industrialização, a Sociologia pode ser analisada dentro de si mesma, segundo Dahrendorf em “Sociologia e Sociedade”. Podemos ver, ao analisar o trabalho de alguns autores, como por exemplo os do sociólogo Émile Durkheim, essa tentativa de análise de aspectos da sociedade moderna. O autor expressa essas premissas ao estabelecer o estudo do fato social como objeto da sociologia. Um dos fatos sociais abordados pelo autor em seus trabalhos é o suicídio. 

Ao classificar o suicídio em três tipos, em seu livro “O Suicídio”, Durkheim lançou as bases para análises científicas de fenômenos sociais. Em termos da divisão entre tipos de suicídio, segundo o autor, o suicídio egoísta é aquele que é cometido em função de uma fraca conexão do indivíduo com a sociedade, e uma individualização excessiva. O suicídio altruísta, por sua vez, é aquele que ocorre em prol de um bem maior ou objetivo ideológico (como por exemplo em atividades militares). Por fim, o último tipo de suicídio detalhado por Durkheim é o anômico: aquele em que há uma falta de direção social no indivíduo, o que pode ocorrer em casos onde há mudanças abruptas em suas situações financeiras, e suas expectativas ou ideias anteriores tem de ser completamente reformuladas.

Dentro do cenário da categorização do suicídio, é possível traçar paralelos com eventos contemporâneos de repercussões internacionais, ou pelo menos incitá-los. Como fenômeno social, ataques suicida, por exemplo, possuem semelhanças ou

fatores em comum com as definições do autor, o que serve uma análise instigante para a persistência da acuracidade de suas teses além dos séculos e pela era pós-moderna.



Especialistas definem ataques suicida como um ataque violento em que o autor possui a expectativa de que irá morrer, assim como supõe a morte ou destruição do alvo (frequentemente outros indivíduos). Pela história, um uso pontual desse tipo de ataque foram os pilotos japoneses *Kamikaze* durante a Segunda Guerra Mundial, sendo essa a primeira organização mais efetiva e em larga escala de ataques suicida¹. Mais recentemente, ocorreram também os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 no World Trade Center, em Nova Iorque, EUA. A ocorrência dessa variedade de ataque tem aumentado significativamente entre 1981 e os dias atuais², assim como as respostas governamentais têm se intensificado cada vez mais.

Partindo da noção durkheimiana de que o suicídio não é um ato individualista em si e sim um fato social, o ataque suicida é então uma representação clara dessa afirmação, dado seu enorme impacto no local onde é executado e suas consequências geopolíticas facilmente observáveis.

Não obstante, em uma sociedade com individualização excessiva, como descrito nas características do suicídio egoísta, os perpetradores de ataques suicidas ou até mesmo aqueles que se alistam a organizações terroristas são frequentemente atribuídos características similares às descritas pelo autor. Frequentemente, artigos e noticiários citam os principais responsáveis por ataques terroristas como indivíduos alheios à sociedade e isolados de grupos sociais. A mídia americana retratou os responsáveis por ataques terroristas em escolas (*school shootings*)³ dessa maneira.

¹ Informação retirada de:

<http://origins.osu.edu/article/human-use-human-beings-brief-history-suicide-bombing>

² Dados retirados da base de dados em ataques suicidas da Universidade de Chicago, acessível em: http://cpostdata.uchicago.edu/search_new.php

³ Refere-se aos casos de *school shootings* em que houve suicídio do autor em seguida do ato.

Mais especificamente, o segundo tipo de suicídio descrito por Durkheim (altruísta), segundo o autor, é característico de uma “sociedade primitiva”, supondo uma quase ausência de individualização, ou seja, o indivíduo sente que suas necessidades são insignificantes em comparação às da sociedade como um todo, em uma posição oposta ao suicídio egoísta.

Podemos levar em consideração um caso mais específico, como a dos adeptos ao **jiihadismo**. O jiihadismo é uma neologia utilizada para referir-se a movimentos islâmicos militantes e militares de cunho radical.⁴ Sua ideologia permite uma conexão dos ataques suicidas realizados por tais grupos com a categoria de suicídio altruísta. Com uma individualização quase inexistente, os realizadores dos ataques e os membros dessa organização social sentem firmemente seu dever e sua vontade de servir a ideologia jihadista.

Em uma observação mais generalista, pode-se dizer que, durante o processo de radicalização de um indivíduo, este passa de alguém que potencialmente cometeria um suicídio egoísta para alguém que realizaria um suicídio altruísta (dentro do contexto radical, sendo o jiihadismo um exemplo).

Assim sendo, os paralelos possíveis de se traçar com as teses durkheimianas são vários. Além de reafirmar o fato social de Durkheim, os exemplos aqui analisados aludem a dois tipos de suicídio. Nota-se, então, a perpetuidade do trabalho do sociólogo e sua utilidade para análises sociais contemporâneas.



⁴ Segundo definição de *The Cambridge Companion to New Religious Movements*, acessível no serviço *Google Books*.